

O TESOURO DA COLECCÃO BARROS E SÁ, MONSANTO DA BEIRA (CASTELO BRANCO)

1. INTRODUÇÃO

Na comunicação que apresentámos, ao *III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, referimos a existência de um vaso, de prata, com uma inscrição, em caracteres pré-latinos (Beirão e Gomes, 1985, pp. 466, 482), que nos propunhamos dar a conhecer num futuro trabalho. Tivemos conhecimento desta peça, que integrava um pequeno conjunto de recipientes congéneres, através do Dr. Farinha dos Santos que, há anos, tinha sido encarregado pelo Dr. Manuel Heleno, então Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de os obter para esta instituição, por compra, na Ourivesaria Santa Filomena, em Lisboa. Como o preço pretendido pelo ourives fosse ligeiramente superior à verba de que o M.N.A.E. dispunha, as peças foram depois adquiridas por Francisco Barros e Sá.

No momento em que obtivemos estas informações já Barros e Sá se encontrava gravemente doente, não nos tendo podido receber; veio, pouco depois, a falecer, tendo legado, ao Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), a totalidade das suas colecções, tanto de pratas como de outros objectos.

Este pequeno tesouro manteve-se inédito até à sua exposição, no Museu Nacional de Arte Antiga, em Maio de 1984, integrando uma mostra do acervo do coleccionador, não se tendo, no entanto, publicado o tão necessário catálogo.

Felizmente F. Barros e Sá tinha referenciado a proveniência destas peças, através de uma pequena nota manuscrita, como de Monsanto da Beira; informação de certo modo corroborada pelo Dr. Farinha dos Santos ao nos indicar terem sido, conforme referimos na comunicação mencionada, descobertas em Monforte e, portanto, a cerca de 40 Kms. daquela povoação da Beira Baixa (Fig. 1).

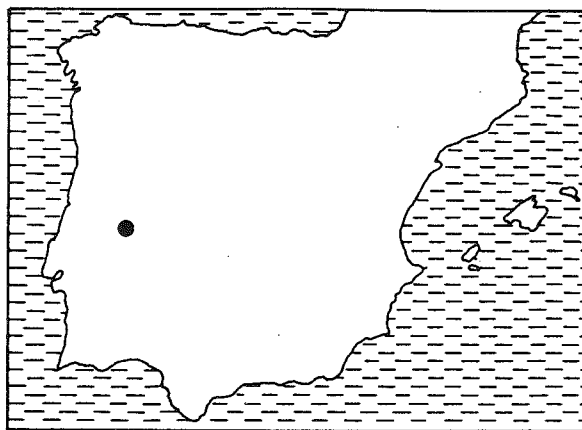


FIG. 1. *Localização de Monsanto da Beira na Península Ibérica*

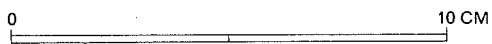
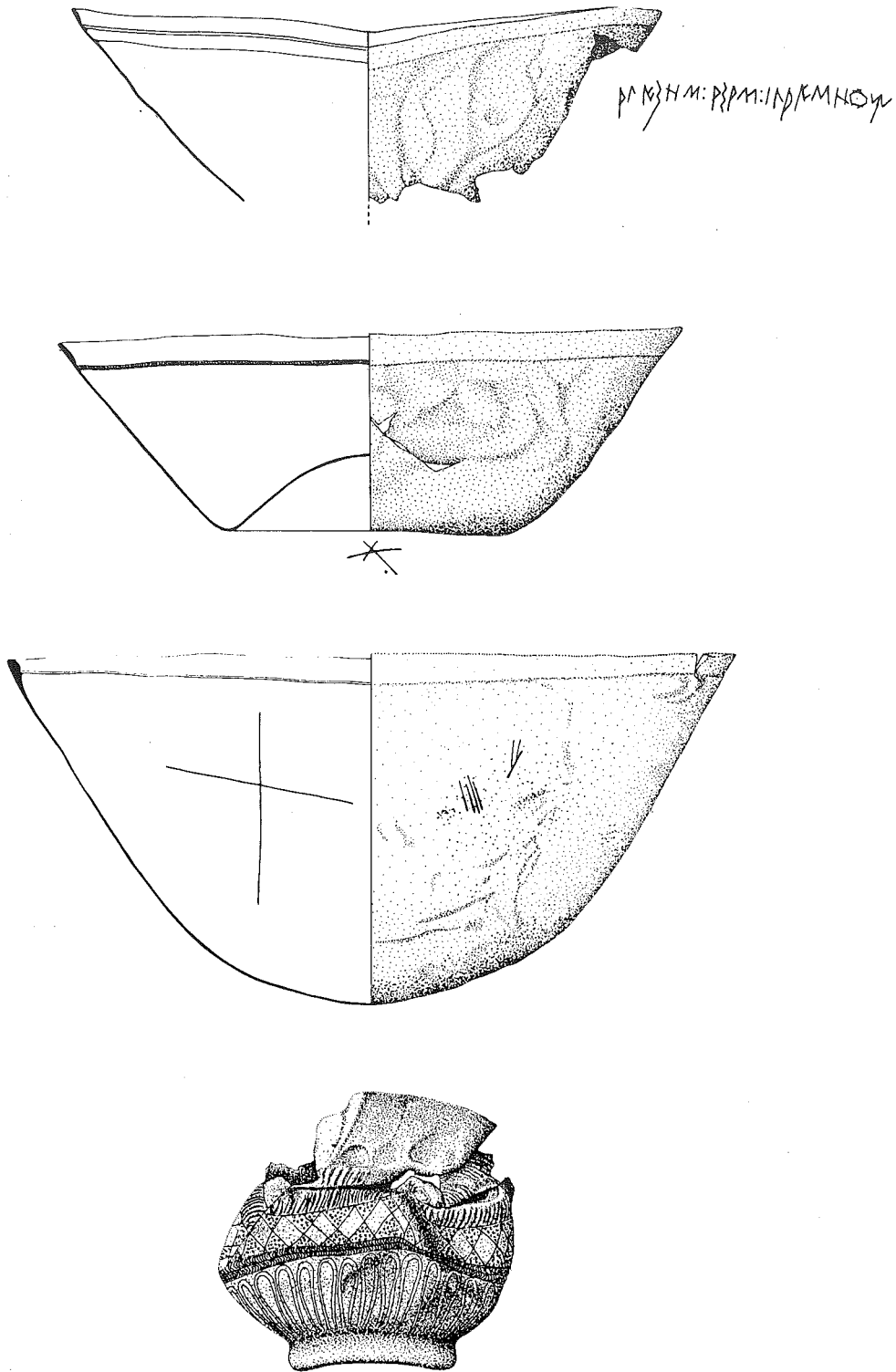


FIG. 2. O tesouro de Monsanto da Beira

As quatro peças que descreveremos a seguir, três *mastoi* e um pequeno vaso globular, encontravam-se conjuntamente no ourives que as vendeu, estando todas elas em mau estado de conservação e apresentando pátinas semelhantes. Não há, todavia, a absoluta certeza de serem, na totalidade, provenientes do mesmo achado ou, até, de pertencerem a um tesouro de maiores dimensões. A ordem porque serão apresentadas é a da marcação que exibiam na colecção Barros e Sá¹.

2. INVENTÁRIO (Fig. 2)

2.1. Fragmento de taça, de prata, possivelmente de forma troncocónica e de fundo hemisférico achatado, do tipo *mastós* helénico, contendo a totalidade do bordo e, numa zona, parte mesial da parede, faltando-lhe a totalidade do fundo. Existem, ainda, alguns pequenos fragmentos soltos que podem permitir, no futuro, o seu restauro e reconstituição.

A porção conservada mostra-se amachucada, com fracturas antigas, e apresenta pátina de cor cinzenta acastanhada, escura, própria dos óxidos de prata.

O diâmetro máximo desta peça, quando completa, mediria, aproximadamente, 0.15 m. e a maior altura da parede, na zona melhor conservada, é de 0.05 m.

O interior do bordo é marcado por um ligeiro espessamento, semi-oval ou almendrado, sendo rematado, na base, por um estreito filete em relevo. Oferece, ainda, a cerca de 0.005 m., um outro filete, marcado por uma incisão fina que, tal como o anterior, é paralelo ao bordo.

Na parede exterior, entre 0.013 m. e 0.018 m. do bordo, mostra uma inscrição dextrorsa; constituída por vinte caracteres incisos, com 0.005 m. de altura média, que analisaremos no capítulo seguinte (Fig. 3).



FIG. 3. Peça 1, aspecto da parede epigrafada (R/III/84-17)

¹ Cumpre-nos agradecer à Dra. Alice Beaumont, Directora do M.N.A.A., e à Dra. Leonor d'Orey, conservadora da secção de ourivesaria desta instituição, as facilidades

concedidas para estudarmos estas peças que, em breve, passarão a fazer parte das colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

2.2. Taça, de prata, possivelmente de forma troncocônica, com fundo hemisférico achatado, do tipo *mastós* helênico. Encontra-se transformada, oferecendo no fundo uma grande concavidade ou ônfalo. Apresenta pátina de cor cinzenta acastanhada, própria dos óxidos de prata. Mede 0.155 m. de diâmetro máximo e, actualmente, 0.05 m. de altura. O diâmetro do ônfalo mede 0.07 m. e a sua altura é de 0.02 m.

Apresenta o bordo espessado internamente, de forma semi-oval ou almendrada e com 0.005 m. de largura, sendo rematado por um filete, com cerca de 0.001 m. de altura, decorado por pequeníssimas incisões dispostas em espinha (Fig. 4).



FIG. 4. Peça 2, pormenor da decoração da face interior do bordo (RIII/84-22)

No exterior do fundo oferece um grafito, inciso, constituído por três traços cruzados, em forma de estrela, e um ponto. O traço maior mede 0.015 m. e o menor, apenas, 0.005 m.

2.3. Taça, de prata, de forma troncocônica, com fundo hemisférico ligeiramente achatado, do tipo *mastós* helênico. O bordo mostra um espessamento, semi-oval ou almendrado, com 0.007 m. de largura e é interceptado por um estreito filete, constituído por dois traços incisos separados cerca de 0.001 m., a 0.004 m. do lábio da peça.

Apresenta duas fracturas e algumas mossas, nas paredes, assim como pátina de cor cinzenta acastanhada, a cinzenta de chumbo, própria dos óxidos de prata. No interior do fundo oferece manchas de óxido de ferro. Mede 0.18 m. de diâmetro máximo e 0.079 m. de altura.

No interior, a meio da parede, exhibe um grafito, inciso, constituído por dois traços cruzados, quase perpendiculares, medindo ambos cerca de 0.05 m. de comprimento.

Na parede exterior, a 0.03 m. do bordo, mostra duas marcas incisivas: uma formada por quatro traços curtos e paralelos, com cerca de 0.008 m. cada e separados aproximadamente 0.001 m., e outra, perto da anterior, constituída por dois pequenos traços paralelos e por um terceiro colocado obliquamente, medindo cada um cerca de 0.007 m.

2.4. Vaso, de prata, de corpo globular e colo alto, assente numa base em anel, com 0.04 m. de diâmetro. Encontra-se muito amachucado, embora permita restauro. O corpo é decorado por uma complexa composição incisa e repuxada onde se destaca, centralmente, uma faixa horizontal com 0.01 m. de largura, constituída por quadrados unidos pelos vértices e que ajudam a delimitar duas bandas de triângulos preenchidos por ponteados (Fig. 5).



FIG. 5. Peça 4 (R/III/84-10)

Sob esta faixa encontram-se duas outras, com cerca de 0.003 m. de largura, decoradas por incisões dispostas em espinha, semelhantes à que patenteia a peça descrita em 2.2. Na faixa superior a espinha corre no sentido sinistrorso e de modo inverso na inferior. Entre estas duas faixas e o pé da peça desenvolve-se uma bonita decoração de pétalas, representadas por duplos traços incisos e por ligeiro repuxado que nos oferece a sensação de relevo.

Sobre a faixa central reconhecem-se, ainda, os restos de duas bandas, separadas, decoradas por pequenos traços repuxados, ligeiramente oblíquos e paralelos. O colo e o bordo desta peça são lisos.

3. A INSCRIÇÃO

3.1. Encontra-se, como referimos, sobre a parede exterior do fragmento de *mastós* descrito em 2.1 (Fig. 2).

Os vinte caracteres detectados parecem constituir uma frase composta por três palavras, separadas entre si pelo sinal formado pelos dois pontos incisos; a primeira com seis signos, a segunda com quatro e a terceira, mais longa, com oito.

A inscrição chagou até nós em óptimo estado de conservação e, somente, o segundo signo está cortado, na vertical, por uma fractura. Todas as incisões são nítidas, o que nos permitiu fazer o seu decalque preciso, tendo-se registado certas hesitações do gravador e o modo como foram inscritos os signos. Observa-se, perfeitamente, que o signo \odot é formado por sete pequenos segmentos de recta e que, por exemplo, a barra vertical de Ψ foi incisa a partir de dois traços. Detectou-se, igualmente, que os signos foram gravados de cima para baixo e que, na maioria dos casos, foram construídos da esquerda para a direita, ou seja, no sentido em que corre a inscrição. Não se descobriram linhas ou cartelas para ordenação do texto.

Dos dez signos diversos que apresenta a inscrição parece-nos seguro que os constituídos por dois pontos, colocados em linha e na vertical, são separadores das três palavras diferentes que a constituem, conforme paralelos que encontramos em outras epígrafes.

Uma análise dos caracteres permitiu-nos, de imediato, classificá-los como pertencentes à escrita indígena denominada do NE, ou levantina, em língua celtibérica (Fig. 6). Assim, por exemplo, tanto o A como o O oferecem grafias distintas da utilizada na escrita, mais recuada, das estelas da I Idade do Ferro do Sudoeste, afastando-se outros signos dos do signário do SE ou meridional; áreas cuja proximidade geográfica poderiam suportar um maior relacionamento cultural com a zona de onde provém a peça agora dada a conhecer.

Seguindo o sistema de leitura proposto por Gómez-Moreno (1949), com êxito confirmado para algumas inscrições tardias e para as legendas que identificam um bom número de oficinas monetárias do NE ibérico, obtemos a seguinte transcrição:

ALISOŠ:AS(S)AŠ:BaLAIŠOKuM

3.2. *Alisos* parece ser um nome individual, masculino, em nominativo do singular, com paralelos no radical pré-celta *alisa* (aliso), estudado por M. L. Albertos (1966, p. 17) e documentado tanto em topónimos (Alesanco em Logroño e Alisia na Gália) como em hidrónimos (Aliso e Alistro na Córsega; Alisontia na Gália). Esta autora (1985, p. 262) indica, ainda, três *Alaesus* (Sejas de Aliste - Zamora, Villalcampo e Talavera de la Reina) e as correspondências *Alaisus*, *Alaesa* (Hinojosa de Duero - Salamanca e Viseu); antropónimos que serão típicos do Noroeste Peninsular, embora também conhecidos entre os Vetões, Astures e Vaceos. Numa tésseira do *Gabinete des Médailles* de Paris (ex-colecção Froehner), proveniente da região de Saragoça, encontra-se grafada a palavra *alisocum*, em genitivo do plural, aceitando-se que ali indique a gens de *Luboš*, nativo de *Cont(r)ebias Belaišcas* (Albertos, 1975, pp. 15, 23; 1979, p. 149; Beltrán e Tovar, 1982, p. 40; Faust, 1979, p. 448; Hoz e Michelena, 1974, p. 114).

A palavra seguinte, certamente outro antropónimo (*cognomen?*), que, devido ao maior número de inflexões do sigma em relação ao da palavra anterior, lemos *Assaš*, poderá estar relacionada com o radical *ass*, de Assalica (Tarragona) (CIL II 4355), Assata (Estepa) (CIL II 1457), Assatus (Itália), Assaract (CIL II 6108), Assaeco (Lisboa) e Assianus (Gália Cisalpina) (CIL V 4900), sendo conhecido tanto na toponímia como na onomástica pessoal e identificado com açor (Albertos, 1966, p. 37; Blázquez, 1975, p. 30; Encarnação, 1975, pp. 206-208; Vives, 1971, pp. 74, 312, 318, 337, 410).

A terceira e última palavra desta curta inscrição levanta problemas bem mais complexos. Assim, seguindo J. de Hoz e L. Michelena (1974, pp. 73, 99), devemos estar perante um nome próprio ou, mais provavelmente, um gentílico, cujo genitivo do plural é em *okum*, completando, com uma referência social ou étnica, os nomes que lhe antecedem. Este caso seria idêntico ao da Tésseira de Saragoça, onde ao antropónimo *Luboš* se segue *alisocum*, indicando-nos a gens a

que pertencia o indivíduo que, como acima referimos, era originário de *Cont(r)ebia Belaisca* (Faust, 1979, p. 448).

Estaríamos, pois, perante uma fórmula onomástica, em língua celtibérica, em que, entre o nome individual e o nome da gentilitas, se encontra um segundo elemento, possivelmente um patronímico; solução com paralelo em vinte e três casos detectados por M. Faust (1979, pp. 444-448, mapa 4) no Centro da Meseta. Os gentílicos ou locativos em *kum* são bem conhecidos no Vale do Ebro, no Alto Vale do Tejo, assim como nas Astúrias (Albertos, 1975, p. 23) (Fig. 7).

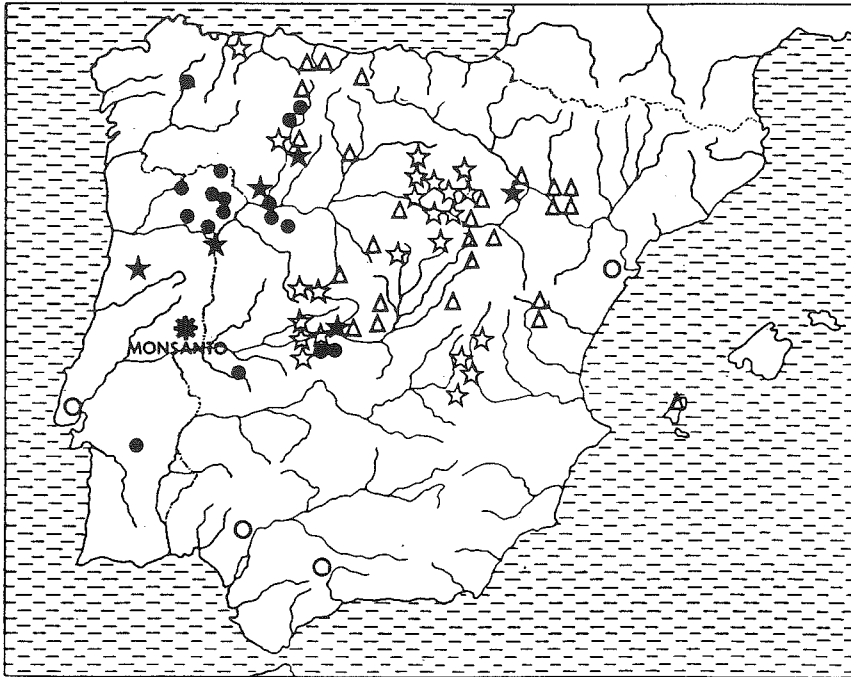


FIG. 7. Distribuição de antropónimos, gentílicos em *kum* e fórmula onomástica, relacionáveis com os da inscrição do vaso 1 de Monsanto (Beira Baixa)

★ ALAESUS, ALAISUS, ALAESA, ALISOCUM.

○ Radical Ass

● BALAESUS, BALAISUS, BALESINUS, BALAESINA.

Δ Gentílicos em *kum* (seg. M.L.Albertos, 1975, 23).

☆ Fórmula onomástica em nome individual, patronímico e gentilitas ou origo (seg. M.Faust, 1979, 445, mapa 4).

Belaiso(s) apresenta estreita semelhança com o antropónimo hispânico *Balaesus*, cuja difusão peninsular, mais densa em Trás-os Montes e nas Astúrias, se conhece graças aos trabalhos de M. L. Albertos (1966, p. 48; 1976, p. 76; 1979, p. 150; 1985, pp. 269, 270). Este nome está documentado, duas vezes, em Aleje (Leão) (CIL II 5719) e em Aldeia Nova (Miranda do Douro)

(EE VIII 128), Donai (Bragança), Castro de Avelãs (Bragança) (EE IX 290), Junqueira (Moncorvo), Meixedo (Bragança), Villalazán (Zamora), Madridanos (Zamora), Villalcampo (Zamora), Ricobayo (BIEA VIII, nº 59), Talavera la Vieja (CIL II 930) e no Alto Alentejo (CIL II 5281) (Vives, 1971, pp. 268, 329, 243, 586). Dois antropónimos relacionados com *Balaesus*, *Balesinus* e *Balaesina*, foram documentados, respectivamente, em Seleirós (Chaves) e Lugo. É possível que esta grande frequência se deva, como notou M. Faust (1979, p. 450), à difusão de um gentílico através dos nomes de família ou de patronímicos.

O radical *bal* seria, ainda segundo M. L. Albertos (1966, p. 48, 271), derivado de *bhel*, que significaria brilhante ou branco e estaria relacionado com a palavra vasca *belatz* (= gavião).

Uma inscrição de Luzaga (Guadalajara) oferece o gentílico, em genitivo do plural, *Belaiokum* que mantém afinidades com o *Balaisokum* de Monsanto (Albertos, 1975, p. 23; 1979, p. 150) e com *Belaisca* ou *Balaisca*, epíteto do topónimo de Contrebia. *Contrebia Belaisca*, que tem vindo a ser identificada, por alguns autores, como Botorrita (Saragoça), cunhou asses e semisses, de bronze, com cabeça varonil voltada para a direita, por vezes entre um golfinho e o signo Be ou as letras Bel, no anverso, e com cavaleiro nos asses e cavalo nú nos semisses, no reverso, voltados para a direita e acompanhados da legenda, em língua celtibérica, *Belaiskum* ou *Kontebakum Bel*. Estas emissões terão sido iniciadas nos finais do século II a.C. e conservaram-se até à época de Augusto (133-49 a.C.). É interessante notarmos que na *Tabula Contrebiensis*, de 87 a.C., se encontra grafado *Balaiscae*, mais se aproximando este locativo do gentílico oferecido pela inscrição de Monsanto (Álvarez Burgos, 1979, p. 58; Beltrán, 1983; Beltrán e Tovar, 1982, p. 40; Fatás, 1980, p. 51; Guadán, 1980, pp. 176, 186, 187, nºs 707-709, 753 e 757; Villaronga, 1979, pp. 182, 184).

3.3. São abundantes, no SE Peninsular, os tesouros constituídos por objectos de prata e integrando peças que oferecem paralelos com as provenientes de Monsanto. Conhecem-se vasos do tipo *mastoi* helénico, por vezes mais de um exemplar, descobertos no Castillo de las Guardas (Sevilha), Los Villares (Jaén), Mengíbar (Jaén), El Alcornocal (Córdova), contendo uma inscrição utilizando o signário do SE, Pozoblanco (Córdova), Santisteban del Puerto (Jaén), Torre de Juan Abad (Ciudad Real), Castellar de Santiago (Ciudad Real) e Padrão (Castelo Branco), também com inscrição no signário meridional ou do SE (Beirão e Gomes, 1985, pp. 482, 483, 488-490; Hoz, 1976, p. 292; Raddatz, 1969, ests 3, 4, 25, 31, 46, 58, 79 e 80). A maioria destas peças mostram um espessamento, de secção ovalada, no interior do bordo, acompanhado por linhas ou filetes incisos, tal como encontramos nos três *mastoi* agora dados a conhecer.

O pequeno vaso, com corpo globular, pé em anel, colo alto e de bordo algo extrovertido, muito deteriorado, do tesouro de Monsanto, tem paralelos em exemplares do Castellet de Banyoles de Tivisa (Tarragona) e, ainda, num outro, cuja proveniência se desconhece, hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (16.869) (Fig. 8).

Algumas das peças de Tivisa exibem belas decorações vegetalistas e barras preenchidas por motivos foliáceos, repuxados, na parte interior do corpo, assim como cordões com sucessões de pequenos segmentos incisos. Uma delas apresenta, mesmo, uma teoria de gomos, que se desenvolvem a partir da base, muito semelhante à que decora a peça de Monsanto (Raddatz, 1969, est. 71, 3).

O vaso do M.A.N. de Madrid suporta, sem dúvida, maiores semelhanças com a peça de Monsanto pois, para além de aparentemente ter dimensões muito aproximadas, oferece, sobre o colo, idênticas faixas de pequenas incisões, oblíquas e paralelas, uma faixa, a meio do corpo, mais larga mas preenchida do mesmo modo por quadrados, incisos, unidos pelos vértices e delimitando triângulos ponteados. A metade inferior do corpo deste vaso é decorada com idêntico

tipo de pétalas, que encontramos ainda na peça de Monsanto, igualmente com ligeiro repuxado e desenvolvendo-se a partir do anel da base (Raddatz, 1969, p. 270, est. 80, 1).

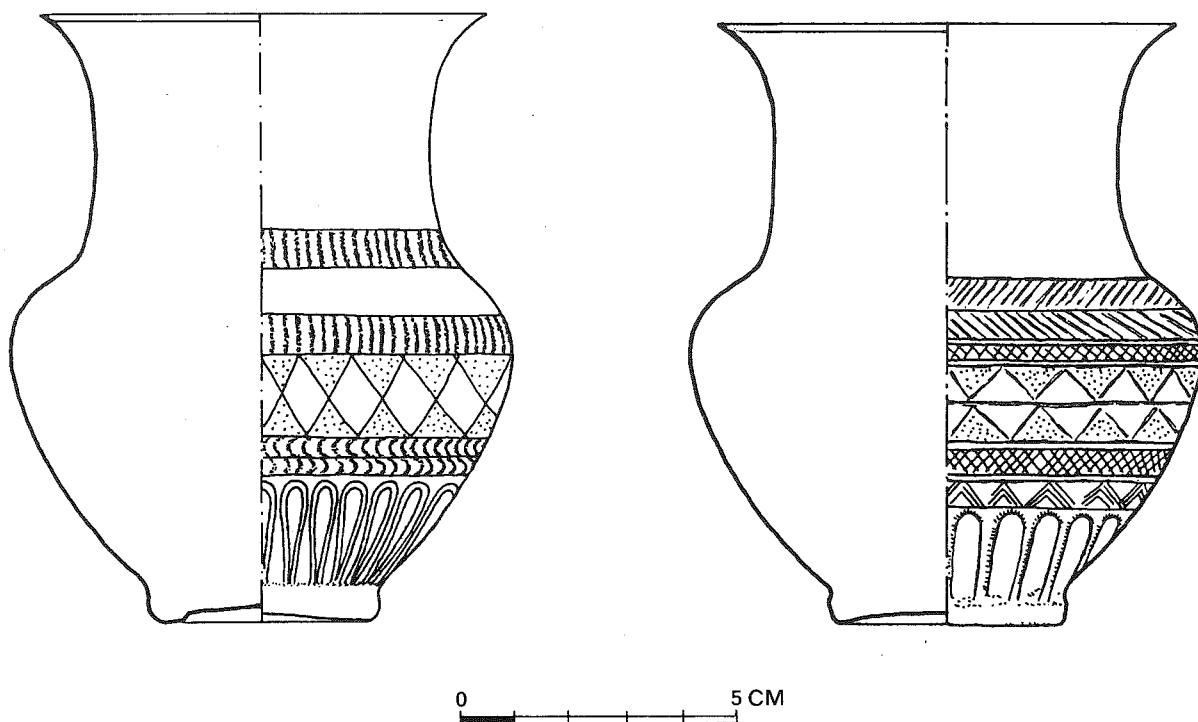


FIG. 8. A - Reconstituição gráfica do vaso 4 de Monsanto; B - Vaso do M.A.N. de Madrid (seg. Raddatz, 1969, p. 270, fig. 30)

Também o pequeno vaso globular do Padrão, embora de forma ligeiramente diferente, mostra na metade inferior do corpo uma larga faixa preenchida por pétalas iguais às das peças referidas, tanto de Monsanto como do M.A.N. de Madrid (Beirão e Gomes, 1985, pp. 482, 488, 489, VII-A).

O paralelo com as peças do Castellet de Banyoles de Tivisa, onde também uma das páteras ali descobertas contém, no reverso, uma inscrição em caracteres levantinos, possibilita-nos dados cronológicos que interessam valorizar tendo em vista tanto a atribuição cultural como a datação do pequeno tesouro de Monsanto. O tesouro de Tivisa parece não ser posterior aos finais do século III a.C. data em que, segundo os argumentos de Serra-Ràfols (1964-65), o povoado terá sido destruído, durante as lutas da Segunda Guerra Púnica (Beirão e Gomes, 1985, p. 489; Blázquez, 1955-56, pp. 111-139). No entanto, vasos semelhantes àqueles e alguns *mastoi* têm sido encontrados com moedas, de prata, oriundas das oficinas hispânicas, com legendas que utilizam o signário do Levante, e, por vezes, mesmo com denários romanos (Torres, El Alcornocal, Pozoblanco). Este facto tem conduzido alguns autores a datar estas peças nos finais do século II ou, até, nos inícios do século I a.C. (Hoz, 1976, p. 292), esquecendo-se da larga sobrevivência que sempre auferem os objectos sumptuários ou o facto de estarem perante tesouros que congregam artefactos de épocas diferentes, constituindo conjuntos organizados segundo uma única motivação — a de reunir elementos de grande valor intrínseco, independentemente da sua forma, estado de conservação ou função.

Na Península Ibérica, tanto o processamento técnico para a obtenção da prata, como o trabalho para a transformar em belos artefactos, como a forma de muitos deles e a decoração, que utiliza tanto os motivos incisos como repuxados, deve ser atribuído às influências orientais que, pelo menos, a partir do século VIII se fizeram mais marcadamente sentir na sua costa levantina e meridional. Recentemente foi descoberta uma sepultura em El Carpio na província de Toledo, atribuída ao período de transição entre os finais da idade do Bronze e a Idade do Ferro, que continha um pequeno vaso bitroncocónico, de prata, com decoração radial, em relevo, na metade inferior e partindo do ônfalo existente no centro do exterior do fundo (Pereira e Álvaro, 1986, p. 36).

Um posterior, e renovado, surto orientalizante atingiu o Sul da Península, desenvolvendo-se por todo o século III sob a área de influência, cultural, económica e religiosa, púnica. Este ressurgimento, posterior a um grande impacto cultural de cariz continental, tem vindo a ser bem documentado tanto no Sul de Portugal, através de escavações recentes em povoados fortificados (feitorias?) do seu litoral (Álcacer do Sal, Rocha Branca - Silves, Monte Molião - Lagos, Castro Marim) e no santuário de Garvão (Ourique) (Arruda, 1986; Beirão, Silva, Soares, Gomes e Gomes, 1985; Gomes, Gomes e Beirão, 1986; Silva, Soares, Beirão, Dias e Coelho-Soares, 1980-81), como em grande número de estações arqueológicas da Andaluzia e Levante. É a este contexto cultural e a uma fase tardia da II Idade do Ferro, em torno aos séculos III-II a.C., que devemos atribuir tanto as peças do tesouro de Monsanto, como as do Padrão. No entanto, a estreita proximidade geográfica entre aqueles dois locais da Beira Baixa, numa área que oferece grande concentração de tesouros (Vila Velha de Ródão, Poço do Salvado, Monforte, Penha Garcia e Monsanto), não nos conduz a uma melhor elucidação sobre a possível integração cultural daquelas peças. Assim, a inscrição de um dos *mastoi* do Padrão (Col. Pequito Rebelo) suporta paralelos com a escrita meridional ou do SE, nomeadamente com a inscrição de Gádor (Almería) e com as dos numismas de Obulco, enquanto que a inscrição de Monsanto é, claramente, celtibérica (Figs. 6 e 7) (Beirão e Gomes, 1985, pp. 482, 489; Gómez-Moreno, 1961, p. 922; Hoz, 1976, pp. 289, 292; 1979, p. 261). Parece-nos, pois, estarmos perante objectos com idêntica proveniência, em termos de origem, de manufactura ou de estilo, embora ali chegados por vias distintas, mas não necessariamente diacrónicos; pois não seria lógico usarem-se, na mesma região e período cultural, dois tipos distintos de escrita e de língua.

Javier de Hoz (1976, p. 289) havia, igualmente, reparado que a distribuição dos achados de vasos, de prata, do tipo *mastoi* helénico se circunscrevia à Andaluzia, sendo os exemplares do Padrão exógenos e muito afastados daquela área. Perante o tesouro agora dado a conhecer repetem-se, novamente, os problemas que se nos deparavam frente ao do Padrão (património de algum templo local, de uma compra, ou, porém, o produto de um saque distante trazido por legionários ali acantonados) embora seja introduzido um novo elemento de certo modo dispar, através da não correspondência do possível centro produtor das taças com a origem da inscrição. Esta será posterior e datável dos finais do século II ou, mesmo, dos inícios do século I a.C. O limite inferior desta atribuição cronológica estaria, se aceitarmos a relação *balaisokum* = *balaisca*, de acordo com a datação da *tabula*, com inscrição latina, de *Contrebia Belaisca* ou, como ali se apresenta, *Balaisca* (87 a.C.) (Beltrán e Tovar, 1982, p. 40; Fatás, 1980, p. 51).

A inscrição do *mastós* de Monsanto perpetua, possivelmente, o nome do seu proprietário, Alisos Assas dos Balaiscos, indicando-nos, pelos paralelos onomásticos e toponímicos que sustenta, a sua origem celtibérica e, portanto, afastada da Beira Baixa; região onde, por ora, se não conhece, para além das duas referidas, outras inscrições pré-romanas.

BIBLIOGRAFÍA

- ALBERTOS, M. L., 1986: *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Theses et Studia Philologica Salmanticensia, XIII, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 383 pp., 12 mapas, Salamanca.
- 1975: «Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua», *BSAA* 40-41, pp. 5-66, Valladolid.
- 1976: «La antroponimia prerromana de la Península Ibérica», *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, pp. 57-86, Salamanca.
- 1979: «La Onomástica de la Celtiberia», *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, pp. 131-167, Salamanca.
- 1985: «La onomástica personal indígena del Noroeste Peninsular (astures y galaicos)», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, pp. 255-310, Salamanca.
- ÁLVAREZ BURGOS, F., 1979: *Catálogo General de la Moneda Hispánica - Desde sus orígenes hasta el siglo V*, Editorial Jesús Vico, 249 pp., Madrid.
- ARRUDA, A. M., 1986: «Castro Marim na Idade do Ferro», *Actas do 4º Congresso do Algarve I*, pp. 401-406, Lisboa.
- BEIRÃO, C. M., e GOMES, M. V., 1980: *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal - Epigrafia e Cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 33 pp., Lisboa.
- 1985: «Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, pp. 456-499, Salamanca.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T. da; SOARES, J.; GOMES, M. V., e GOMES, R. V., 1985: «Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão, Notícia da primeira campanha de escavações», *O Arqueólogo Português*, Série IV, Vol. 3, pp. 45-135.
- BELTRÁN, A., 1983: «Epigrafía de Contrebia Belaisca (Botorríta, Zaragoza): Inscripciones Menores», *Homenaje al Prof. Martín Almagro Basch III*, pp. 99-107, Madrid.
- BELTRÁN, A., e TOVAR, A., 1982: *Contrebia Belaisca (Botorríta, Zaragoza) I - El bronce con alfabeto «ibérico» de Botorríta*, Monografías Arqueológicas XXII, Univ. de Zaragoza, 91 pp., IX figs., XV ests., Zaragoza.
- BLÁZQUEZ, J. M., 1975: *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Ediciones Istmo, 191 pp., Madrid.
- ENCARNAÇÃO, J. da, 1975: *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Imprensa Nacional-Cáda da Moeda, 334 pp., 69 fotos, Lisboa.
- FATÁS, G., 1980: *Contrebia Belaisca (Botorríta, Zaragoza) II - Tabula Contrebiensis*, Monografías Arqueológicas XXIII, Univ. de Zaragoza, 128 pp., III ests., Zaragoza.
- FAUST, M., 1979: «Tradición-Lingüística y estructura social: El caso de las gentilitates», *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, pp. 434-452, Salamanca.
- GUADÁN, A. M. de, 1980: *La Moneda Ibérica, Catálogo de Numismática Ibérica e Ibero-Romana*, Cuadernos de Numismática, 358 pp., 1.063 figs., VIII ests., VIII mapas, Madrid.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., e BEIRÃO, C. M., 1986: «O Cerro da Rocha Branca (Silves) - Resultados preliminares de três campanhas de escavações», *Actas do 4º Congresso do Algarve I*, pp. 1.001-1.007, Lisboa.
- GÓMEZ-MORENO, M., 1949: *Misceláneas: Historia - Arte - Arqueología*, Instituto Diego Velázquez, 423 pp., Madrid.
- HOZ, J. de, 1976: «La epigrafía prelatina meridional en Hispania», *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, pp. 227-317, Salamanca.
- 1979: «On some problems of Iberian script and phonetics», *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, pp. 256-271, Salamanca.
- HOZ, J., e MICHELENA, L., 1974: *La inscripción celtibérica de Botorríta*, Acta Salmanticensia, 126 pp., Salamanca.
- MALUQUER, J., 1968: *Epigrafía Prelatina de la Península Ibérica*, Instituto de Arqueología y Prehistoria, Univ. de Barcelona, 190 pp., XXII ests., Barcelona.
- PEREIRA, J., e ÁLVARO, H. de, 1986: «Aportes orientalizantes en el Valle del Tajo - Una tumba de la transición Bronce-Hierro: El Carpio (Belvís de la Jara, Toledo)», *Revista de Arqueología* 62, pp. 29-39.
- RADDATZ, K., 1969: *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel*, Text, 289 pp., 35 figs.; Tafeln, 98 figs., 12 mapas, Madrider Forschungen 5, Berlín.
- SERRA-RÀFOLS, J. de C., 1964-65: «La destrucción del poblado ibérico del Castellet de Banyoles de Tivissa (Bajo Ebro)», *Ampurias* 26-27, pp. 105-134.

- SILVA, C. T., SOARES, J., BEIRÃO, C. M., DIAS, L. F., e COELHO-SOARES, A., 1980-81: «Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)», *Setúbal Arqueológica* 6-7, pp. 149-218.
- VASCONCELLOS, J. L., 1920: «Estudos sobre a época do ferro em Portugal», *O Archeologo Português*, 24, pp. 99-107.
- VILLARONGA, L., 1979: *Numismática Antigua de Hispania. Iniciación a su Estudio*, Editorial Cymys, 350 pp., 1.175 figs., Barcelona.
- VIVES, J., 1971: *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Universidad de Barcelona, 631 pp., Barcelona.